PUBLICADO DOC 17/05/2012, PÁG 98

JUSTIFICATIVA
PL 0217/2012

O presente projeto objetiva alterar a denominação da Praça Jardim da Divina Providência, Distrito da Bela Vista, para Praça Vladimir Herzog. A propositura encontra fulcro no art. 13, mc XXI da Lei Orgânica do Município de São Paulo.
Vladimir Herzog nasceu em 1937 em Osijsk, na antiga lugoslávia, atual Croácia, filho de Zigmund Herzog e Zora Herzog. Em 1942, toda família migrou para o Brasil, fugindo do nazismo, que assolava grande parte Europa
Vlado foi criado em São Paulo e se naturalizou brasileiro. Fez Filosofia na USP e tornou-se jornalista do jornal O Estado de S Paulo em 1959, logo depois casou-se com Clarice
Em 1964, em virtude do golpe militar, o casal decidiu passar uma temporada na Inglaterra, onde nasceram os filhos Ivo e André. A família voltou para o Brasil em 1968. O homenageado trabalhou um ano em publicidade, depois na editoria de cultura da revista Visão. Em 1975, foi escolhido pelo Secretário de Cultura de SP, Jose Mindlin, para coordenar o jornalismo da TV Cultura
Neste cenário, Vlado passou a atuar politicamente no movimento de resistência contra a ditadura militar, como também no Partido Comunista Brasileiro.
Na noite do dia 24 de outubro de 1975 o jornalista apresentou-se na sede do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações/ Centro de Operações de Defesa Interna), em São Paulo para prestar esclarecimentos sobre suas ligações com o PCB (Partido Comunista Brasileiro). No dia seguinte, foi morto aos 38 anos.
De acordo com a versão oficial da época, Vlado teria se enforcado com o cinto do macacão de presidiário. No entanto, os testemunhos de Jorge Benigno, Jathay Duque Estrada e Rodolfo Konder, jornalistas presos na mesma época no DOI/CODI, atesteam que Viadimir foi assassinado sob torturas.
Como Vladimir Herzog era judeu, o Shevra Kadish (comitê funerário judaico) recebeu seu corpo para prepara-lo para o funeral. A versão da ditadura militar caiu por terra quando o rabino percebeu que havia marcas de tortura no corpo do jornalista, prova de que o suicídio tinha sido forjado.
Em 1978, o legista Harry Shibata admitiu haver assinado o laudo necroscópico da vitima, na função de segundo perito, sem ao menos examinar ou sequer ver o corpo. No mesmo ano, a Justiça responsabilizou a União por prisão ilegal, tortura e morte do jornalista. Em 1996, a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos reconheceu que Herzog foi assassinado e decidiu conceder uma indenização para sua família.
A morte de Herzog foi um marco na ditadura militar brasileira. O fatídico caso paralisou as redações de todos os jornais, rádios, televisões e revistas de São Paulo
Os proprietários dos veículos de comunicação fizeram um acordo com os jornalistas: todos trabalhariam apenas uma hora, para que os jornais e revistas não deixassem de circular, e as emissoras de rádio e televisão continuassem com suas programações
No dia 31 de outubro de 1975, foi realizado um culto ecumênico em memória de Herzog na Catedral da Sé, do qual participaram 8.000 pessoas, num protesto silencioso contra o regime.
A homenagem ora concedida tem como objetivo preservar e divulgar a história da resistência à ditadura militar no Brasil, período de 1964 a 1985 e reverenciar aquele que lutou em favor de um regime democrático e livre, em um momento que no Brasil prevalecia a tortura e execuções.
A Cidade de São Paulo que abrigou os principais órgãos de repressão montados pelo Estado ditatorial, como o DOI-CODI - Destacamento de Operações de Informações e Centro de Operação de Defesa interna e a Operação Bandeirantes - Oban, responsáveis pela morte e desaparecimento de opositores ao regime, deve, na democracia ser palco de resgate e justiça.
Em face do exposto, solicito a colaboração dos Vereadores desta Casa para aprovação da presente propositura, uma vez que revestida de interesse público.